

## Flores e Corvo

Barcos virão e novas trarão!  
Paisagem e marcas do tempo da Rota da Índia



## Explore o mesmo tema noutras ilhas dos Açores

### ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES



6 ilhas têm disponível um roteiro sobre este tema, conheça a nossa história.



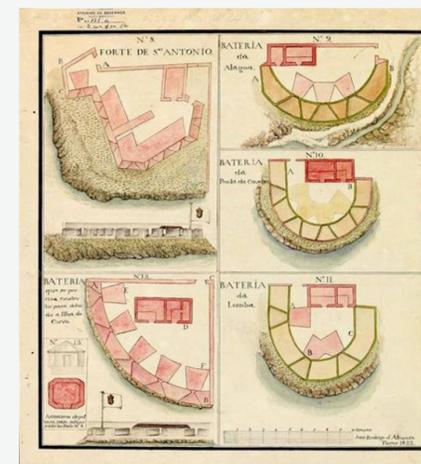
## Fortes nas ilhas das Flores e do Corvo

Como em muitos outros locais, alguns dos fortes construídos nas Flores e no Corvo ao longo do tempo foram sendo requalificados e convertidos em locais de apreciação da paisagem; mas de outros já nem vestígios físicos existem e apenas permanece a sua memória conservada na toponímia dos lugares. Características do território ou a invocação das igrejas que lhe ficavam próximas eram, geralmente, adotadas como designação do forte e por isso algumas das localizações indicadas são sugestões baseadas nessas evidências que se podem constituir como desafios de descoberta para o viajante.

1. Bateria da Alagoa, Cedros, Flores
2. Bateria da Lomba, Lajes, Flores
3. Bateria da Ponta da Caveira, Santa Cruz, Flores
4. Forte das Pouças, Santa Cruz, Flores
5. Forte de Nossa Senhora do Rosário, Lajes, Flores
6. Forte de Nossa Senhora dos Milagres, Corvo
7. Forte de São Pedro, Ponta Delgada, Flores
8. Forte de São Sebastião da Ribeira da Cruz, Caveira, Flores

Fortes com localização desconhecida:

- Forte das Lajes, Lajes, Flores
- Forte de Nossa Senhora da Conceição, Flores
- Forte de São Francisco, Santa Cruz, Flores
- Forte de Santo António, Lajes, Flores
- Forte do Espírito Santo, Lajes, Flores
- Forte do Monte Maio, Santa Cruz, Flores
- Fortim de Nossa Senhora dos Remédios, Fajazinha, Flores
- Fortim de São Caetano, Lomba, Flores
- Posto da Foz da Ribeira da Cruz, Santa Cruz, Flores
- Vigia do Portinho, Santa Cruz, Flores



José Rodrigo de Almeida. "Forte de S.º António, n.º 8; Bateria da Ponta da Caveira n.º 10, Bateria da Lomba n.º 11; Bateria que se perçiza construir para defender a ilha do Corvo n.º 12; Armazém da Pólvora para se fazer junto ao Forte de S.º António n.º 13" 1822



## Influências na culinária das Flores e Corvo

Na gastronomia açoriana é frequente o uso de especiarias, prática que suplanta a utilização do tempero com ervas como é frequente na culinária continental. É hábito que remonta à época em que abundavam nos portos das ilhas e cuja utilização cada localidade foi adequando ao seu gosto.

Afastadas das outras ilhas e irregularmente visitadas por embarcações que lhe trouxessem sustento, desde cedo que as populações das Flores e do Corvo encontraram nos produtos locais recursos fundamentais para a sua alimentação. Dos grãos da junça se fazia pão e alimentava o gado, e das ervas do mar (patinha e algas) se faziam pasteis, mas, como não podia deixar de ser, sabiamente condimentados com pimenta.



# Explore FLORES AÇORES



“Em dous de junho de 1587 chegaram ao Porto da Villa das Lages desta ilha das Flores cinco navios ingleses, armados com muita gente de guerra, com pretexto de paz, e mandando em um barco um portuez que lhes dessem mantimentos, conhecendo a fraqueza da terra, entraram e em oito dias a saquearam roubando tudo até as igrejas, escapando algumas imagens e ornamentos que os sacerdotes livraram não ficando casa em pé. O mesmo fizeram na Villa de Santa Cruz e algumas coisas se salvaram no logar de Ponta Delgada.”

Arquivo dos Açores, vol. X



## Percursos temáticos

De entre as inúmeras possibilidades de percursos de exploração destas ilhas propomos-lhe três roteiros temáticos: num encontrará, sobretudo, locais cujas histórias se cruzaram com piratas e corsários; noutro visitará locais onde foram instalados meios de vigilância e defesa; e por último será levado a conhecer alguns episódios acontecidos com naufragos que, com alguma frequência, vinham dar às Flores e ao Corvo.

### HISTÓRIAS COM PIRATAS, CORSÁRIOS E INVASORES

1-4-5-6-7-9  
10-12-14-16

### À VOLTA DA FORTIFICAÇÃO

8-13-15

### EPISÓDIOS COM NÁUFRAGOS

2-3-11



## Barcos virão e novas trarão! Paisagem e marcas do tempo da Rota da Índia

Devido ao regime de correntes e ventos do Atlântico era ao largo das ilhas das Flores e do Corvo que a torna viagem da Carreira da Índia era esperada para daí as naus serem conduzidas até ao porto de Angra. Razão mais do que suficiente para que estas duas ilhas tivessem um importante papel estratégico nos séculos XVI e XVII, mas por isso mesmo também ficaram sujeitas a frequentes incursões de piratas e corsários que esperavam nas imediações uma oportunidade de atacar e saquear as naus, recorrendo às ilhas próximas para se reabastecerem.

Distantes e, muitas vezes negligenciadas, a fortificação e a utilização de artilharia nestas ilhas foi tardia. A maioria dos inúmeros recintos defensivos construídos rapidamente se degradavam dado utilizarem materiais de fraca qualidade e estarem sujeitos à contínua ação erosiva do mar e dos ventos fortes, por isso os meios de defesa mais comuns se baseavam na vantagem que a própria natureza proporcionava: os impenetráveis muros das suas escarpas e os rochedos que daí eram lançados ao mar para afastar os navios hostsis.

Relatos reais e lendas dão conta de inúmeros contactos entre habitantes locais e atacantes e invasores, mas não só de defesas heroicas se fez esta história de sobrevivência já que, muitas vezes, a colaboração e a entre ajuda permitiram ultrapassar situações difíceis.

Durante o seu passeio pelas Flores e o Corvo propomos-lhe, então, que observe algumas marcas e vestígios que denunciam o tempo da passagem das naus da Índia e das memórias que elas deixaram nas ilhas mais ocidentais da Europa. É que tal como diz o adágio corvino houve sempre algum barco que chegou com novidades, embora nem sempre com coisas boas!

Bom passeio!



## 1. Ilhéu de Monchique, Fajã Grande, Lajes

O ilhéu de Monchique encontra-se a 1500 metros da costa oeste da ilha das Flores e, por isso, é o ponto mais ocidental da Europa. Trata-se do que resta de um cone vulcânico que se eleva a partir de uma plataforma submarina a 40 ou 50 metros de profundidade, mas no tempo da navegação astronómica era um importante ponto de referência e orientação a que as naus e galeões não deixavam de prestar atenção.



## 16. Cais do Estaleiro, Estaleiro, Fajã Grande

Embora nas Flores o topónimo “Estaleiro” refira locais de secar cereais, é natural que, primitivamente aqui tenha existido algum tipo de facilidade – como uma simples rampa – para a reparação naval, equipamento que seria útil quer para embarcações locais, quer, também, para embarcações de corsários e piratas. Por essa mesma razão deverá ter existido, nas proximidades, um forte defensivo da enseada.



## 15. Forte de Nossa Senhora do Rosário, Baía da Calheta, Lajes

Quando a vila das Lajes das Flores foi invadida e saqueada por cinco navios ingleses, em 1587, os moradores puseram-se a salvo fugindo para os matos do interior, mas essa forma de proteção foi possível devido à existência de uma vigia que permitiu dar o alerta. No início do século XVIII essa vigia já é designada como Fortim de Nossa Senhora do Rosário, certamente porque se situava perto da matriz da vila que tem essa invocação.



## 14. Vila das Lajes

Na vila das Lajes é a condição de lugar portuário muito exposto e vulnerável a assaltos de piratas e corsários que pode justificar a implantação recuada dos edifícios principais relativamente à linha de costa. Assim é com a igreja matriz, local que em caso de assalto era, de imediato, alvo de saque, e com o edifício da câmara que se encontra ainda mais afastado do mar e do porto.



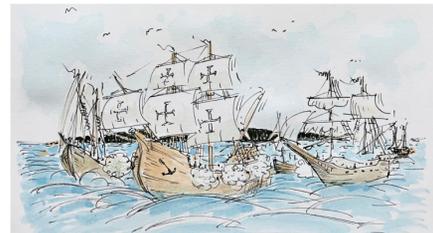
## 2. Ponta Ruiva, Cedros, Santa Cruz

Uma antiga lenda local conta que na zona da Ponta Ruiva, na ilha das Flores, um pescador encontrou uma rapariga que fugira de um barco pirata que por ali passava, certamente depois de feita refém noutra localidade costeira ou numa embarcação. Do seu casamento com o pescador nasceram muitas crianças ruivas e de olhos azuis, razão pela qual o lugar passou a chamar-se Ponta Ruiva.



## 3. Ao largo das Flores

Em agosto de 1591 a maior nau portuguesa até aí construída – a Nau Madre de Deus – navegava de Goa para Lisboa na sua segunda viagem à Índia. Passando ao largo das Flores com uma riqueza imensa de pérolas, âmbar, tecidos, ouro e prata, pimenta, cravo-da-índia, ébano, noz-moscada, incenso, porcelanas chinesas e presas de elefante entre outras preciosidades, foi atacada por seis navios corsários ingleses. Depois de intensa luta a tripulação sobrevivente deixada, pensa-se, nas Flores, mas a nau foi apresada e levada para Inglaterra onde espantou todos com as suas impressionantes dimensões.



## 4. Ponta da Areia, Corvo

Conta uma lenda que um corvino levado por piratas em criança regressou à ilha, já adulto, para se vingar do desprezo que sentira por ser filho de uma mãe solteira acusada de bruxaria. Avistados os seus barcos desde a zona da Ponta da Areia, o ataque pirata foi repellido, e o pirata corvino morto, mas a sua cabeça degolada ainda assombrou alguns anos a população da ilha.



## 5. Imagem de Nossa Senhora dos Milagres, Corvo

A imagem de Nossa Senhora dos Milagres, na igreja da mesma invocação, é uma escultura em madeira, obra de arte flamenga do século XVI que originou a construção do templo. Deu à costa do Corvo numa caixa que tinha uma inscrição manifestando o desejo de que se construísse uma igreja no local em que fosse encontrada.



## 8. Forte de Nossa Senhora dos Milagres, Porto da Casa, Corvo

O Forte de Nossa Senhora dos Milagres, na costa sul da ilha do Corvo, defendia o ancoradouro da Calheta, um dos três que serviam a localidade. Terá sido construído nos finais do século XVI porque, como informa Gaspar Frutuoso, ali, a costa era rasa e facilmente se embarcava e desembarcava. Pela mesma altura se terá feito uma parede alta de cinco ou seis palmos de altura e uma légua de comprimento até à zona mais escarpada – o Pesqueiro Alto.



## 6. Igreja de Nossa Senhora dos Milagres, Corvo

Por volta de 1570 é construída uma pequena ermida sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário na povoação de vila do Corvo. Próxima do porto, em 1632 foi destruída durante uma incursão de piratas, mas a lenda diz que a imagem de Nossa Senhora, colocada em local estratégico, protegeu a população. Anos mais tarde, a constituição da paróquia do lugar do Corvo deu lugar à construção da igreja paroquial e foi o seu segundo pároco – Inácio Coelho – quem, redigindo e divulgando aqueles acontecimentos, atribuiu à Virgem Maria o milagre da vitória dos corvinos sobre os piratas. A partir de então, a imagem passou a ser chamada de Nossa Senhora dos Milagres.



## 7. Vila do Corvo

A apertada concentração dos edifícios de Vila do Corvo na ígnea faixa de terreno que, desde a zona do porto sobe pela colina sobranceira, denuncia a necessidade de deixar livre o máximo de terreno arável para as culturas da subsistência e do pagamento das elevadas rendas devidas ao donatário da ilha. Mas um povoado de ruas estreitas, apertadas e declivosas também dificultava o avanço de eventuais invasores.



## 9. O corsário Peter Easton

O relacionamento do corsário inglês Peter Easton com a ilha das Flores remontará a 1609, quando aqui fez, pela primeira vez, aprovisionamento de carne, água e lenha. Nos anos seguintes as visitas repetiram-se testemunhando a conveniência para ambas as partes de uma amizade pacífica. Conta-se, até, que uma filha do capitão-mor das Flores terá sido prometida de Easton, mas certo é que, sob a acusação de proteção aos corsários, o ouvidor da ilha e o capitão-mor foram presos.



## 10. Baía da Ribeira da Cruz, Caveira, Santa Cruz

Em 1591 o corsário inglês Richard Grenville comandando uma esquadra de 15 navios procurou intercalar, ao largo das Flores, a frota espanhola que regressava a Espanha carregada com as riquezas da América do Sul. Grenville foi derrotado e morreu, mas a sua epopeia ficou imortalizada num longo poema descritivo da batalha intitulado The Revenge – o nome do seu barco - de Alfred Tennyson:

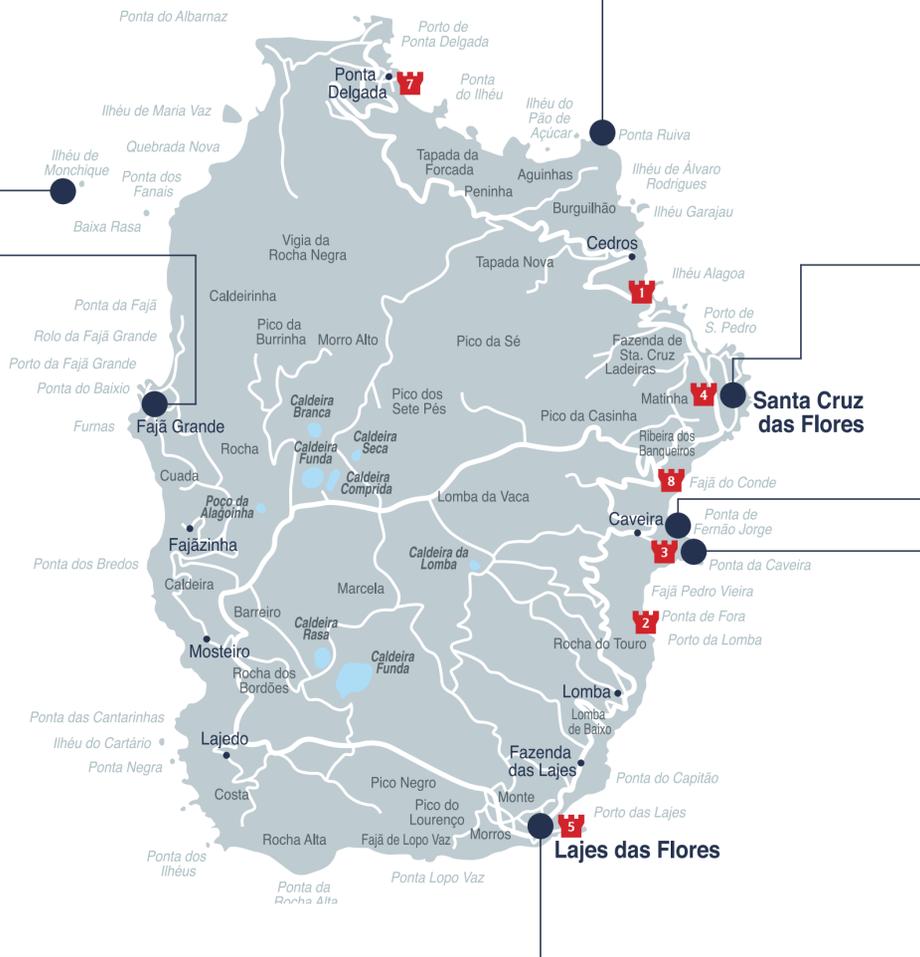
*At Flores, in the Azores, Sir Richard Grenville lay,  
And a pinnacle, like a fluttered bird, came flying from far away:  
“Spanish ships of war at sea! We have sighted fifty-three!”*

Na baía da Ribeira da Cruz, onde a frota de Grenville terá estado emboscada, poderá imaginar-se a grandiosa batalha naval.



## 13. Forte do Espírito Santo, Baía da Calheta, Lajes

O Forte do Espírito Santo foi erguido no século XVI junto ao porto das Lajes das Flores, sobre as ruínas da primitiva ermida do Espírito Santo entretanto transferida para outro local.



## 11. Ponta da Caveira, Caveira, Santa Cruz

A ponta da Caveira tem essa designação devido a um naufrago, certamente protestante inglês, que ali foi ter, e onde ficou o resto da vida. Quando morreu uma caveira começou a aparecer, e os vizinhos interpretaram o fenómeno como uma súplica para que se rezassem missas em seu nome. Satisfeito o pedido a caveira deixou de incomodar os locais... não sem que antes se tenha construído um nicho para o contar a história.

## 12. Gruta do Enxaréu, Caveira, Santa Cruz

Situada na costa Este da ilha das Flores, nas imediações da freguesia da Caveira, a Gruta dos Enxaréus era local de refúgio de embarcações de piratas e corsários que, além de se esconderem, poderiam emboscar quem procurasse aproximar-se do porto de Santa Cruz.

